

GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA FEMININA DE ISABEL ALLENDE

GENDER AND SEXUALITY FROM ISABEL ALLENDE'S FEMALE PERSPECTIVE

Maria Dariana de Lima Bessa¹

RESUMO: A presente pesquisa tem como proposta discutir gênero e sexualidade, por meio da literatura de autoria feminina de Isabel Allende (1942), nas obras *A casa dos Espíritos* (1982) e *De Amor e de Sombra* (1984). A escrita transgressora de Allende representa um novo momento da literatura latino-americana, de inserção de novos debates, personagens e de escritores (as) reivindicando mais espaço no mundo literário. Analisaremos alguns personagens subversivos das obras, silenciados por muito tempo pelas narrativas historiográficas e literárias. Mas que lutam por mais espaços, desconstruindo a hegemonia de uma literatura escrita por homens brancos sobre a vida de homens brancos. Inicialmente, a partir da personagem Férula, debateremos sobre heteronormatividade e performatividade. Segundamente, com as personagens Irene e Mario, discutiremos o movimento feminista e a homossexualidade durante o regime militar chileno (1973-1990). A abordagem adotada é qualitativa e de caráter bibliográfico, tendo como aporte teórico: Valdés (1987); Green (2000); Butler (2019); Scott (2019) e Wittig (2019). A pesquisa contribui para as discussões de literatura latino-americana de autoria feminina; personagens da comunidade LGBT representados na literatura e a luta das mulheres contra a ditadura.

Palavras-chave: Isabel Allende. Gênero. Sexualidade.

347

ABSTRACT: This research aims to discuss gender and sexuality through the literature by female authors of Isabel Allende (1942), focusing on works *The House of the Spirits* (1982) and *Of Love and Shadow* (1984). Allende's transgressive writing represents a pivotal moment in American Latin literature, introducing new discussions, characters, with writers claiming more space in the literary world. We analyze subversive characters who have long been silenced in historical and literary narratives, but fight for more representation deconstructing the hegemony of literature written by white men about men's lives. Beginning with the character Férula, we discuss ideas like heteronormativity and performativity. Then, through characters Irene and Mario, we explore feminist movement and homosexuality during Chile's military regime (1973-1990). The adopted approach is qualitative, characterized by bibliographic methods. It engages with studies by Valdés (1987); Green (2000); Butler (2019); Scott (2019) e Wittig (2019). The research contributes to the discussions on Latin American literature by female authors; LGBT characters represented in literature and the struggle of women against dictatorship.

Keywords: Isabel Allende. Gender. Sexuality.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL) na linha de pesquisa "Memórias e Historicidade" na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Possui graduação em História (FECLESC/UECE). Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

INTRODUÇÃO

Ter obras, hoje, escritas por mulheres e consumidas é uma conquista das suas lutas e reivindicações, em diferentes tempos históricos. Já que por muito tempo, o saber e o escrever eram destinados aos homens brancos de uma determinada classe social. As mulheres eram apenas um objeto de decoração para os seus maridos e famílias. Cujo único papel era ser uma boa esposa, mãe e filha. Deveriam ser submissas às normas da sociedade patriarcal e sexista, vivendo as margens e sendo silenciadas.

Mas os seus gritos ecoavam e ecoam transgredindo os discursos dominantes e falocêntricos. Foi assim que, em 1792, Mary Wollstonecraft publica *A Vindication of the Rights of Woman* (Reivindicação dos Direitos da Mulher). Contrariando os ideais de liberdade e igualdade pregada pela Revolução Francesa, Wollstonecraft questiona o lugar das mulheres nessa nova sociedade, reivindicando a ocupação de mais espaços por elas: “[...] elas ainda são consideradas um sexo frívolo, ridicularizadas ou vistas como dignas de pena pelos escritores que se esforçam, por meio da sátira ou da instrução, para melhorá-las” (Wollstonecraft, 2017, p. 28).

A literatura escrita por homens criou vários estereótipos em relação às mulheres, consideradas sexo frágil, sentimentais demais e sem intelectualidade. Algumas escritoras acabavam reforçando essas imagens, por conta do pensamento enraizado da sociedade machista que faziam parte, da educação que recebiam desde criança ou do receio e culpa que tinham por estarem invadindo um espaço destinado aos homens, como salienta Duarte (2002). Segundo Wittig (2019), os corpos e as mentes das mulheres são manipulados e forçados a cumprir o que é considerado “natural” para uma mulher.

Apesar de existir mulheres escritoras muito antes, apenas no século XX, é que temos o rompimento da dominância masculina. Na América Latina, aproximadamente por volta das décadas de 70 e 80, temos o *pós-boom* da literatura latino-americana. Em que, é marcado pela presença de temáticas e protagonismo dos (as) escritores (as) silenciados (as) e marginalizados (as) (Serrão, 2013). Assim, temos uma literatura de autoria feminina que se destaca, mulheres passam a escreverem sobre elas, abordando outros sujeitos silenciados também. Influenciadas pelo movimento feminista que crescia lutando contra os regimes ditatoriais e pelas causas das mulheres.

Isabel Allende (1942) é uma dessas escritoras, suas obras trazem críticas à sociedade burguesa, patriarcal, racista e sexista. Ela nasceu no Peru, no dia 02 de agosto de 1942, mas os seus

país são chilenos e logo cedo retornaram para lá, por conta do abandono do pai. Conta que, “[...] fui feminista desde o jardim de infância, antes que o conceito fosse conhecido em minha família [...]” (Allende, 2020, p. 01). Não se conformava com as normas machistas impostas pela sua mãe ou pela sociedade chilena, por exemplo, por ela ser mulher não podia ter um temperamento mais explosivo. Isso era destinado aos homens também, as mulheres tinha que ser o “sexo frágil” e submissas.

Ela começa sua carreira como escritora e jornalista na Revista Paula, que tinha um caráter feminista, questionadora de muitos padrões machistas da sociedade chilena. Mas é obrigada a exilar-se, por conta do golpe militar (1973-1990) orquestrado pelo general Pinochet, recebendo apoio norte-americano. Como a escritora tinha ligação com o presidente Salvador Allende e com a Unidade Popular, possivelmente seria perseguida pelo regime ditatorial também (Bessa, 2024).

Diante do que foi exposto, analisaremos por meio da escrita de Isabel Allende, personagens transgressores (as) que por muito tempo foram silenciados (as) e esquecidos (as) das narrativas históricas e literárias, justamente por não seguir as normas consideradas padrões. Assim, traremos uma discussão sobre gênero e sexualidade nas obras *A Casa dos Espíritos* (1982) e *De Amor e de Sombra* (1984).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Joan Scott (2019) é uma importante referência para o entendimento do conceito de gênero, segundo ela: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 2019, p. 68-69). Assim, as diferenças que são feitas entre o que é masculino e feminino são construções sociais, e não naturais, além de serem usadas como dispositivos de poder.

Para isso, vários elementos são usados para a manipulação e reforço da divisão entre homem e mulher. Por exemplo, para Scott (2019), têm-se os símbolos culturais que podem evocar padrões normativos, como a imagem de Eva associada a “corrupção” e “escuridão”. Enquanto isso, Maria seria símbolo de “pureza” e “luz”. Os conceitos normativos, são manifestos nas “doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas”. Até pela própria noção de identidade, já que é uma criação social também (Scott, 2019, p. 69). Levando a criação de uma ideia fixa de gênero e sexualidade, relacionados a categoria binária de macho e fêmea, de feminilidade e masculinidade.

Outra importante teórica sobre o assunto é Judith Butler, contrariando a ideia de Scott sobre gênero e sexo. O primeiro como uma construção cultural, mas o segundo biológico. Para Butler (2018):

Meu argumento é que não há necessidade de existir um agente por trás do ato, mas que o agente é diversamente construído no e através do ato [...]. Se o sujeito é culturalmente construído, mesmo assim ele é dotado de ação, usualmente representada como a capacidade de mediação reflexiva, a qual se preserva intacta, independentemente de sua inserção cultural. Neste modelo, cultura e discurso enredam o sujeito, mas não o constituem (Butler, 2018, p. 191).

É nesse sentido que a autora constrói a ideia de gênero como ato performativo, assim como o sexo e o corpo também. Os sujeitos podem burlar a normatividade por meio da sua performance, desnaturalizando as concepções enraizadas de gênero feminino ou masculino. Mas essas concepções são impostas também, o que nos leva ao conceito de performatividade:

Em primeiro lugar, a performatividade deve ser entendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia. O que espero que fique claro no que se segue é que as normas regulatórias do “sexo” trabalham de forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual (Butler, 2019, p. 20).

Ou seja, performatividade é algo imposto no sujeito desde o seu nascimento, por isso que é algo imposto no inconsciente, por meio de práticas discursivas repetitivas que produzem os efeitos do que é mencionado. Assim, por meio dessa hegemonia das normas reguladoras é que os discursos impoem a ideia de sexo e de diferença sexual, tendo como padrão normativo da heterossexualidade (Butler, 2019).

Outra referência é Monique Wittig (2019), traz importantes discussões sobre gênero e lesbianismo. Questiona o que é ser mulher, pois dentro da heteronormatividade “mulher” é uma categoria biológica, natural - definida pela capacidade de gerar um filho. “Mulher” é uma formação política e ideológica que busca negar a realidade de opressão das “mulheres”. Defende que mulheres são uma classe social. Por muito tempo, os grupos de partidos comunistas ou de esquerda se negaram e opuseram-se contra a organização das mulheres para falarem sobre os seus próprios problemas de classe. Para Wittig (2019), lésbicas fogem da categoria de gênero. Pois lésbica não é uma mulher, foge da relação social entre homem e mulher; e quebra os padrões opressores da heterossexualidade.

Os estudos de James Green (2000) são relevantes para a compreensão da homossexualidade em diferentes períodos históricos brasileiro. Mesmo ele focando na homossexualidade masculina,

sua pesquisa vai além, englobando uma vasta discussão sobre diferentes questões. Ao falar sobre a homossexualidade no Brasil em tempos ditatoriais cita que, durante a ditadura militar não era proibida. Mas existiam vários mecanismos de punir quem praticava tal ato considerado “imoral” e contra os bons costumes - como ser acusado por vadiagem, atos obscenos e atentado ao pudor. Assim, viviam em uma atmosfera de medo e receio, mesmo tendo um aumento dos espaços de sociabilização para a comunidade LGBT. Durante as ditaduras militares latino-americanas, teremos também a formação do movimento LGBT (Green, 2000).

Teresa Valdés (1987) é uma importante socióloga e feminista chilena. Discute o movimento feminista e a participação das mulheres durante a ditadura chilena, instaurada pelo General Pinochet. As mulheres tiveram um importante papel de atuação contra o regime militar e questionando a sociedade conservadora, burguesa e patriarcalista. Surgem vários movimentos organizados pelas mulheres que lutaram contra a opressão e violência do regime militar, além da participação de militantes em guerrilhas.

Por conseguinte, na perspectiva metodológica, essa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, de natureza básica do tipo reflexiva. Quanto aos objetivos é uma pesquisa explicativa, pois estamos analisando e dialogando com as nossas fontes. Caracterizando-as quanto aos procedimentos como descritiva e bibliográfica, realizamos uma revisão de literatura para interpretar as obras que estamos trabalhando, *A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra*. Tendo como base o nosso referencial teórico, tentamos trabalhar com gênero e sexualidade dentro das narrativas. Observando o discurso empregado, o contexto histórico-social da obra e da própria escritora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“ELA DEVIA PÔR-SE NA SOMBRA”: A PERSONAGEM FÉRULA EM A CASA DOS ESPÍRITOS

O livro *A Casa dos Espíritos* (1982) é o primeiro livro publicado de Isabel Allende, inserido dentro do realismo maravilhoso. Acompanhamos a história de três mulheres (Clara, Blanca e Alba), vivendo em diferentes períodos históricos, unidas por laços familiares e de compartilhamento da mesma condição de ser mulher em uma sociedade machista. Por meio das cartas de Clara, é que a narradora descobre sobre a história da sua família. Clara, desde pequena, nasceu com alguns dons peculiares, para outros, era a manifestação do demônio. Ela possuía clarividência, telecinese e telepatia. Clara casa-se com Esteban Trueba, um sujeito que conseguiu

enriquecer explorando a força de trabalho dos moradores de sua fazenda *Las Tres Marías* (Bessa, 2024). Esteban tinha uma irmã, Férula, que passou a morar com eles por questões financeiras:

Ao morrer a mãe, Férula viu-se sozinha e sem nada de útil para dedicar a sua vida, numa idade em que já não tinha a ilusão de casar-se [...]. Tinha medo de tudo. O casamento do irmão consumia-a na incerteza, porque pensava que isso ia ser mais um motivo de afastamento para Esteban, que era o seu único sustento. Tinha medo de terminar os seus dias trabalhando nalgum asilo para solteironas de boas famílias, por isso sentiu-se muito feliz ao descobrir que Clara era incompetente para todas as coisas da vida doméstica e que, sempre que tinha de enfrentar uma decisão, adoptava um ar distraído e vago (Allende, 2023, p. 102 - 103).

O pensamento de Férula exemplifica a condição de opressão e submissão que a mulher sofria / sofre. Ilustrando o papel normativo atribuído às mulheres, Clara deveria cuidar dos afazeres domésticos. Mas quebra essa normatividade, sendo considerada “incompetente” e “distraída”. Férula assume o papel que era esperado de uma mulher, cuidar da casa e casar-se. Mas como não tinha conseguido se casar, por ser considerada velha, deveria permanecer uma mulher “íntegra” e preservar os bons costumes. Como já foi dito, segundo Joan Scott (2019), o gênero é uma construção social em que são construídas relações de poder também. A partir das instituições e símbolos são empregados a normatividade, a diferença entre o que é feminino e masculino. Para Férula que seguia os valores vigentes da sociedade conservadora e pela igreja, a mulher deveria ser submissa ao homem e cultivar um bom casamento.

Assim, ela tenta seguir essa normatividade, até porque era uma cristã convicta. Mas passa até um sentimento que não compreendia pela cunhada, existindo uma harmonia e compreensão entre as duas, mesmo Clara não correspondendo ao amor que Férula sentia.

Com ele em casa, ela devia pôr-se na sombra e ser mais prudente na forma de se dirigir aos criados, tanto como nas atenções que tinha para com Clara. Todas as noites, no momento em que o casal se recolhia a seus aposentos, sentia-se invadida por um ódio desconhecido, que não podia explicar e que lhe enchia a alma de funestos sentimentos. Para se distrair retomava o vício de rezar o terço nos asilos e de confessar-se ao padre António (Allende, 2023, p. 107).

Quando o irmão estava em casa, Férula mudava de comportamento para atender aos padrões normativos. Por seguir os preceitos do cristianismo, ficava confusa e sentia-se uma pecadora. Ao se confessar com o padre, fica evidente que para o cristianismo, os seus sentimentos eram “errados”, “crime contra Deus”, “tentação do demônio”. Por isso era submetida às rezas, para os pensamentos considerados “impuros” desaparecerem. A relação entre Clara e Férula gera ciúmes em Esteban. Certa vez, encontra as duas dormindo juntas:

A sós com Férula, descarregou a sua fúria de marido insatisfeito e gritou à irmã o que devia dizer-lhe, desde machona até meretriz, acusando-a de lhe perverter a mulher, de desviá-la

com carícias de solteirona, de a pôr lunática, distraída, muda e espiritista com artes de lésbica, de brincar com ela na sua ausência, de manchar até o nome dos filhos, a honra da casa e a memória de sua santa mãe [...] (Allende, 2023, p.182).

Férula é expulsa de casa, sendo considerada uma pervertida que desviou Clara da moralidade cristã, envergonhando a família. Como já foi citado, dialogando com Scott (2019), os padrões normativos são inseridos por meio das igrejas, famílias e escolas também. Seguindo padrões fixos de gênero, sexualidade e identidade. Férula é inserida por meio de diversos fatores, e em diferentes fases da sua vida, até mesmo antes de sua concepção, aos padrões normativos da heterossexualidade, exercendo o que Butler (2019) chama de performatividade. Por meio dos discursos impostos pela família e igreja - ou outras instituições -, o sujeito é inserido dentro da lógica do que é considerado “normal”.

É por isso que Férula se culpava por amar Clara, sentia-se uma pecadora porque os discursos religiosos e da boa moral reforçaram isso, o seu irmão corrobora para o pensamento da sociedade machista, patriarcal e sexista, considerando-a uma “impura”, “meretriz”.

A identidade de gênero é uma construção social também, a partir da repetição de determinados atos, não é uma categoria estável, muito pelo contrário, está em constante mudança. Os gêneros, por meio da quebra dos discursos normativos, podem subverter e transgredir a performatividade (Judith Butler, 2019). A performance subversiva de Férula acontece apenas em sua morte, indo em direção a Clara e despedindo-se com um beijo na testa, não se importando com o seu irmão ou os que estavam à sua volta. Para Wittig (2019), a recusa em continuar ser heterossexual, significa ser contra o poder dominante masculino na economia, ideologia e política.

“UMA LUTA PELA EMANCIPAÇÃO”: AS PERSONAGENS IRENE E MARIO EM DE AMOR E SOMBRA

A obra *De Amor e de Sombra* (1984) é o segundo romance da autora. Acompanhamos o romance de Irene Beltrán e Francisco Leal, de mundos diferentes mas acabam se unindo para desmascarar a ditadura militar de Pinochet. Os dois trabalham em um jornal, juntos com Marcos, no qual falaremos mais adiante. Irene veio de uma família burguesa, em que desconhece os horrores que estavam acontecendo com o golpe. Isso é devido a censura dos meios de comunicação, como a própria inércia da classe conservadora, já que beneficia-se com o neoliberalismo imposto e com o combate ao comunismo (Bessa, 2024).

A mãe de Irene, Beatriz Beltrán, era uma das apoiadoras do regime, juntamente com outras mulheres de direita, articulou uma marcha contra o governo de Salvador Allende e ajudou no sucesso do golpe militar - o movimento que fez parte, faz referência a “Marcha das Painéis Vazias” (1971). O golpe é instaurado tendo como base os preceitos morais de uma sociedade conservadora, assim como no Brasil, é tanto que durante a ditadura militar será investida uma grande campanha ideológica, idealizando a mulher como “salvadoras da pátria”, reforçando os discursos repetitivos de que as mulheres deveriam permanecer em seus lares, cuidando das tarefas domésticas, dos filhos e marido (Valdés, 1987).

Irene tinha uma performance que contrariava o padrão de normalidade imposto, considerada de espírito livre, não queria se casar ou seguir a moralidade de apenas fazer sexo depois do casamento. Quando toma conhecimento das atrocidades cometidas na ditadura, posiciona-se. Saindo da sua posição confortável de desinformação e inércia, busca formas para denunciar a ditadura para o mundo. Isso diz muito sobre o posicionamento assumido por muitas mulheres ligadas aos setores de esquerdas, atuando de frente contra o regime militar e fortalecendo o movimento feminista que estava em pauta também (Bessa, 2024).

James Green (2000) ao falar sobre a homossexualidade no Brasil em tempos ditatoriais cita que, a partir da década de 70, muitos movimentos sociais e protestos surgiram no Brasil. Inclusive, o movimento feminista que tem muitas pautas similares ao do movimento LGBT. Um fator importante para a organização do movimento feminista em diversos países, foi a oficialização do “Dia Internacional da Mulher” pela ONU, em 1975. Mas, inicialmente, o movimento estava mais ligado às lutas de classe, contra o regime ou pela anistia. Só depois que focam em causas específicas de gênero e sexualidade, questionando o machismo da sociedade, e até mesmo nos grupos de esquerda - como o movimento *gay* vai criticar a homofobia presente (Green, 2000).

O movimento feminista chileno, assim como no Brasil, reaparece como uma forma de combater à ditadura de Pinochet e a sociedade patriarcal, cristã e burguesa. Irene era influenciada pelos discursos contra-hegemônicos que estava tendo também. Para Allende:

E em que consiste meu feminismo? Não é o que temos entre as pernas, mas, sim, entre as duas orelhas. É uma postura filosófica e uma sublevação contra a autoridade do homem. É uma maneira de entender as relações humanas e de ver o mundo, uma aposta na justiça, uma luta pela emancipação de mulheres, gays, lésbicas, queer (LGBTQ+), de todos os oprimidos do sistema e dos que queiram somar-se (Allende, 2020, p. 15).

A partir disso, adentramos na história de Mario, veio de uma família numerosa e pobre, filho de um mineiro de carvão, e estava destinado a seguir o rumo do pai e dos irmãos. Mas quando

o pai descobre o caso que estava tendo com outro homem, leva-o à força a um bordel para que comprovasse sua “masculinidade”: “Ameaçados pelos irmãos, procurou comportar-se como um macho com a prostituta que lhe coube” (Allende, 2019, p. 61). A partir disso, Mario foge de casa com receio de ser morto. Ele transgride a heteronormatividade, inclusive, atuando contra o regime militar. A ditadura perseguia todos os que fugiam do padrão ideal imposto, tendo como base os “bons costumes” e a “boa moral”. Como fica evidente no pensamento do capitão militar Gustavo Morante:

Ao ver Mario, a expressão do seu rosto mudou. O oficial sentia uma repulsa violenta por homens efeminados e não gostava que a noiva se movesse num ambiente em que se tropeçava com o que ele qualificava de degenerados [...]. Gustavo cruzou os braços, olhando-o com um desprezo infinito, e atirou-lhe que não se misturava com maricas. Um silêncio glacial impôs-se no estúdio. Irene, os ajudantes, as modelos, todos ficaram suspensos, desconcertados (Allende, 2019, p. 64).

Gustavo o considera “degenerado”, um “marica”. Apoiando-se nos discursos em vigor na sociedade. Como afirmou Green (2000), a homossexualidade por muito tempo foi considerada um crime, mesmo que não estivesse de forma visível na lei, ou uma doença. Durante a ditadura, a comunidade LGBT foi perseguida pelo aparato repressor do Estado e da polícia. Eram incriminados de várias formas, e para não ser presos e acusados de vadiagem, necessitavam ter um emprego. Mas, assim como tivemos um fortalecimento do movimento feminista durante a ditadura, a comunidade LGBT se fortalece e reivindicam suas pautas através de protestos e manifestações. Inspirados nas discussões e movimentos que estavam tendo no exterior.

No Chile, tivemos importantes atuações, dentre eles temos a dos intelectuais Juan Pablo Sutherland, Nestor Perlongher e Pedro Lemebel - este criou um coletivo, junto com um amigo e poeta, *Las Yeguas del Apocalipsis* (Colling, 2014). Realizavam performances públicas contrariando as normas de preservar os bons costumes e a moral vigente, teciam críticas à ditadura e a favor da diversidade sexual. Pedro Lemebel é uma das vozes mais importantes para a comunidade LGBT chilena, a sua performance transgressora incomodava muitos e inspirou mais ainda: “Mas não venha me falar de proletariado/ Porque ser bicha e pobre é pior/ Tem que ser ácido para aguentar” (Lemebel, 2023, p.43).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura latino-americana feminina ganha destaque no século XX, no considerado *pós-boom* da literatura da América Latina, contrariando o *boom* que tinha uma dominância masculina.

Como Serrão afirma (2013), às escritoras traziam muitas obras com caráter testemunhal e subjetivo, este é o caso de Isabel Allende. Suas obras são importantes por trazer personagens marginalizados e silenciados, como é o caso das personagens apresentadas aqui (Clara, Férula, Irene e Mario). Através dos diálogos com alguns (mas) teóricos (as), podemos trazer discussões e reflexões sobre gênero e sexualidade dentro da perspectiva feminina de Isabel Allende. Evidenciando como a literatura traz novos debates para a contemporaneidade, inserindo sujeitos até então “esquecidos”.

REFERÊNCIAS

- ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. 61.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.
- ALLENDE, Isabel. **Mulheres de minha alma**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- ALLENDE, Isabel. **De amor e de sombra**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BESSA, Maria Dariana de Lima. “Façam-nos calar vocês”: a luta das mulheres contra o autoritarismo em Isabel Allende. **Revista Em Perspectiva**, v. 10, n. 1, p. 6-19, jun. 2024.
- BUTLER, Judith. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COLLING, L.. Panteras e locais dissidentes: o ativismo queer em Portugal e Chile e suas tensões com o movimento LGBT. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 93, p. 233-266, set. 2014.
- DUARTE, Constância Lima. História da literatura feminina: nos bastidores da construção do gênero. In: SCARPELLI, M.F.; DUARTE, E.A (Org.). **Poéticas da Diversidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 211-220.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.
- JUDITH BUTLER. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 213-230.
- LEMEBEL, Pedro. **Poco Hombre: Escritos de uma bicha terceiro-mundista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 50-82.

SERRÃO, Raquel de Araújo. A hora e a vez do rosa no pós-Boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 103-118, marc./ jun. 2013.

VALDÉS, Teresa. **Las mujeres y la dictadura militar en Chile**. Chile: FLASCO, 1987.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 83-92.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2017.